

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**ALINE SILVA DE MELLO**

**MODELAGEM DE INFORMAÇÕES GERENCIAIS PARA UMA EMPRESA DE  
PEQUENO PORTE: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DISTRIBUIDORA DO  
SUL DE SANTA CATARINA.**

**CRICIÚMA**

**2014**

**ALINE SILVA DE MELLO**

**MODELAGEM DE INFORMAÇÕES GERENCIAIS PARA UMA EMPRESA DE  
PEQUENO PORTE: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DISTRIBUIDORA DO SUL  
DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Esp. Realdo de Oliveira da Silva.

**CRICIÚMA**

**2014**

**ALINE SILVA DE MELLO**

**MODELAGEM DE INFORMAÇÕES GERENCIAIS PARA UMA EMPRESA DE  
PEQUENO PORTE: UM ESTUDO DE CASO EM UMA DISTRIBUIDORA DO SUL  
DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado  
pela Banca Examinadora para obtenção do  
Grau de Bacharel, no Curso de Ciências  
Contábeis da Universidade do Extremo Sul  
Catarinense, UNESC.

Criciúma, 10 de julho de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Realdo de Oliveira da Silva - Especialista - (UNESC) - Orientador

Prof. Rafael dos Santos -Especialista - (UNESC) - Examinador

**Dedico este trabalho a aqueles que amo incondicionalmente: meus pais, Alcides e Rosangela.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me abençoar todos os dias pelo dom da vida, por permitir e me dar força para chegar até aqui, por seu amor infinito que me acolhe em todos os momentos de minha vida. A Nossa Senhora, por interceder a mim junto ao pai e por seu amor de mãe.

Aos meus pais, Alcides e Rosângela, meus primeiros educadores, que me ensinaram os princípios de um ser humano. São eles meus melhores amigos e que permitiram e acompanham cada etapa de minha vida, sempre torcendo por mim. São neles que encontro meu refúgio, por isso, o meu muito obrigado, pelo amparo, carinho e dedicação.

A meu namorado Fernando pelo amor, incentivo e compreensão, por estar sempre me apoiando e me dando força nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao meu orientador, Realdo de Oliveira, obrigada pelo apoio e pelas orientações, pelo conhecimento passado e pela contribuição na execução desta pesquisa.

Aos meus colegas de classe, amigos que conquistei nessa jornada e que fizeram das noites em sala de aula momentos indescritíveis. Em especial cito a Bruna Vieira de Souza Patrício, Caroline Vier Saviski, Janaína Luiza Damin e Thatiane Tomaz, pessoas maravilhosas que levarei para toda vida.

Aos meus colegas de trabalho, que me incentivaram com atos e palavras e que torcem pelo meu sucesso.

Enfim a todos que de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização desse projeto, para a minha formação profissional e sobre tudo para a minha formação humana. Muito Obrigada.

**“Cuidemos de nosso coração, porque é de lá que sai o que é bom e ruim, o que constrói e destrói.”**

**Papa Francisco**

## RESUMO

MELLO, Aline Silva de. **Modelagem de informações gerenciais para uma empresa de pequeno porte**: um estudo de caso de uma distribuidora do sul de Santa Catarina. 2014. 65f. Orientador: Esp. Realdo de Oliveira da Silva. Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Contábeis. Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma.

No atual contexto organizacional, a contabilidade gerencial é considerada fundamental para conservação da competitividade e sustentabilidade das empresas. Sendo assim, as organizações necessitam de ferramentas que auxiliam os gestores para tomada de decisão. Para tanto, a contabilidade gerencial possui diversas dessas ferramentas que as ajudam em suas atividades, dentre essas, tem-se o fluxo de caixa o balanço patrimonial, e o DRE, além dos indicadores de desempenho que permite ao empresário analisar o desempenho da empresa em determinado período. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar os benefícios que a implantação de um modelo de análise contábil gerencial pode trazer a uma empresa de pequeno porte. Neste estudo foi utilizado como metodologia à pesquisa bibliográfica, demonstrando os aspectos teóricos do tema abordado, e o estudo de caso, de caráter descritivo e de natureza qualitativa. Obtendo como método para o levantamento de dados, a entrevista com o administrador da empresa em estudo. Por meio da análise proposta é possível realizar e acompanhar o desempenho econômico financeiro da entidade, mesmo tratando-se de uma empresa de pequeno porte, e que os acompanhamentos dos resultados auxiliam em todo processo decisório, possibilitando assim o aumento da lucratividade e a perenidade dos negócios.

**Palavras-chave:** Contabilidade gerencial, ferramentas de análise e indicadores de desempenho.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Indicadores de Liquidez .....	56
Gráfico 2 – Indicadores de Endividamento.....	58
Gráfico 6 – Indicadores de Rentabilidade .....	59
Gráfico 7 – Indicadores de Atividade.....	60



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema do Fluxo de Caixa da empresa .....	27
Figura 2 - Modelo de Fleuriet .....	32
Figura 3 - Tripé de Análise .....	37
Figura 4 - Análise dos ciclos operacional e ciclo financeiro .....	45
Figura 5 - Representação de Duplicatas a Receber.....	47
Figura 6 - Organograma ASM Distribuidora de Alimentos LTDA .....	51

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise Vertical/Horizontal do Ativo.....	53
Tabela 2 – Análise Vertical/Horizontal do Passivo.....	54
Tabela 3 – Análise Vertical/Horizontal do DRE.....	55
Tabela 4 – Análise de Capital de Giro.....	60

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Demonstrativo do Balanço Patrimonial. ....	23
Quadro 2 - Discriminação das contas da DRE.....	25
Quadro 3 – Modelo de Fluxo de Caixa Direto .....	28
Quadro 4 – Modelo de Fluxo de Caixa Indireto.....	29
Quadro 5 - Fluxo de Caixa Financeiro.....	30
Quadro 6 - Capital de Giro e as Contas operacionais .....	31

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DRE	Demonstrativo do Resultado do Exercício
DFC	Demonstração do Fluxo de Caixa
CCL	Capital Circulante Líquido
NCG	Necessidade de Capital de Giro
ST	Saldo de Tesouraria
MB	Margem Bruta
ML	Margem Líquida
RPL	Rentabilidade do Patrimônio Líquido
PMRE	Prazo Médio de Renovação de Estoque
PMRV	Prazo Médio de Recebimento de Vendas
PMRC	Prazo Médio de Pagamento de Compras

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
1.1 TEMA E PROBLEMA.....	15
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	16
1.2.1 <b>Objetivo Geral</b> .....	<b>16</b>
1.2.2 <b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>16</b>
1.3 JUSTIFICATIVA.....	16
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>18</b>
2.1 GESTÃO FINANCEIRA .....	18
2.2 CONTROLES FINANCEIROS .....	18
2.3 FERRAMENTAS DE CONTROLE .....	19
2.3.1 <b>Controle de Disponibilidades</b> .....	<b>19</b>
2.3.2 <b>Controle de Contas a Receber</b> .....	<b>20</b>
2.3.3 <b>Controle de Contas a Pagar</b> .....	<b>20</b>
2.3.4 <b>Controle de estoque</b> .....	<b>21</b>
2.4 DEMONSTRATIVOS CONTÁBEIS.....	21
2.4.1 <b>Balço Patrimonial</b> .....	<b>22</b>
2.4.2 <b>Demonstrativo do Resultado do Exercício</b> .....	<b>24</b>
2.4.3 <b>Fluxo de Caixa</b> .....	<b>25</b>
2.4.4 <b>Fluxo de Caixa Financeiro</b> .....	<b>29</b>
2.5 CAPITAL DE GIRO.....	31
2.5.1 <b>Capital Circulante Líquido – CCL</b> .....	<b>32</b>
2.5.2 <b>Necessidade de Capital de Giro – NCG</b> .....	<b>33</b>
2.5.3 <b>Saldo de Tesouraria – ST</b> .....	<b>34</b>
2.6 INDICADORES DE DESEMPENHO.....	35
2.6.1 <b>Análise Vertical/Horizontal</b> .....	<b>35</b>
2.6.2 <b>Tripé de Análise</b> .....	<b>36</b>
2.6.3 <b>Índices de Liquidez</b> .....	<b>37</b>
2.6.4 <b>Rentabilidade</b> .....	<b>40</b>
2.6.5 <b>Endividamento</b> .....	<b>42</b>

2.6.6 Índices de Atividade – Prazos Médios .....	44
<b>3 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>49</b>
3.1 QUANTO AOS OBJETIVOS DA PESQUISA.....	49
3.2 QUANTO AOS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA .....	49
<b>3.2.1 Estudo de Caso.....</b>	<b>49</b>
<b>3.2.2 Pesquisa Bibliográfica .....</b>	<b>49</b>
3.3 QUANTO À ABORDAGEM DO PROBLEMA.....	50
<b>4 ESTUDO DE CASO.....</b>	<b>51</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA .....	51
<b>4.1.1 Mercado de Atuação.....</b>	<b>52</b>
4.2 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS .....	52
<b>4.2.1 Análise da Situação Patrimonial .....</b>	<b>52</b>
<b>4.2.2 Análise dos Indicadores de Desempenho.....</b>	<b>56</b>
<b>4.2.3 Análise de Capital de Giro .....</b>	<b>60</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>623</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo será definido o tema e problema da pesquisa, que tem como a finalidade a elaboração e a implantação de um modelo de análise contábil em uma empresa de pequeno porte. Também será definido o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa, a justificativa, que tem como intuito explicar os motivos que levaram a escolha do tema em estudo.

## 1.1 TEMA E PROBLEMA

A contabilidade gerencial é essencial para o empreendedor, por possuir um conjunto de ferramentas administrativas, que tem por objetivo facilitar o planejamento e a execução das atividades financeiras, operacionais e de investimentos da empresa.

Com a evolução da economia, o ambiente empresarial tornou-se mais competitivo, trazendo mudanças frequentes no cenário de atuação das organizações. Esta realidade faz com que as organizações busquem as ferramentas gerenciais para auxílio dos gestores na tomada de decisão.

A contabilidade gerencial utiliza as informações financeiras para planejamento, avaliação e controle, assegurando o uso adequado de seus recursos a fim de alcançar os resultados almejados pela entidade. Para tanto se utiliza de ferramentas eficazes que permitem analisar os acontecimentos, identificando a decisão correta a tomar perante um determinado problema de gestão.

Entre as ferramentas de gestão, temos o balanço patrimonial, demonstrativo do resultado do exercício e o fluxo de caixa. O balanço patrimonial por sua vez permite ao gestor visualizar a situação patrimonial em que se encontra a empresa. A Demonstração do Resultado de Exercício revela se a empresa está obtendo lucro ou prejuízo e a partir desse resultado tomar as devidas decisões que possibilitam grandes retornos financeiros e crescimento à empresa. E o fluxo de caixa permite ao administrador visualizar a situação financeira quanto aos

recebimentos e pagamentos efetuados pela organização e se a mesma possui disponibilidades para novos investimentos.

Em pequenos empreendimentos muitas vezes o empresário não tem acesso e conseqüentemente não consegue visualizar os benefícios que as informações gerenciais podem fornecer ao seu negócio. Por esse motivo temos a seguinte problemática: Quais são as informações relevantes que a contabilidade gerencial por meio dos demonstrativos contábeis pode fornecer ao gestor de uma pequena empresa?

## 1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

### 1.2.1 Objetivo Geral

Diante do proposto, tem-se como objetivo geral aplicar um modelo de análise contábil gerencial em uma empresa de pequeno porte para tomada de decisão.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral, definiu-se como objetivos específicos:

- Revisar a bibliografia sobre contabilidade gerencial;
- Apresentar ferramentas de controle e acompanhamento financeiro;
- Propor uma modelagem financeira para análise de desempenho em uma pequena empresa a partir das demonstrações contábeis.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

As empresas privadas têm como principal objetivo a geração de lucros. Para tanto é de grande importância que a gestão seja eficiente. No entanto, construir uma gestão eficiente passa pela construção e análise dos números gerados pelo empreendimento.



Neste ponto, a contabilidade gerencial faz a função de intermediação entre as informações e seus gestores, que as aplicam com o objetivo de maximização dos resultados da empresa.

O tema apresentado tem como propósito contribuir de forma teórica, para um melhor entendimento sobre a gestão empresarial, tendo como base a contabilidade gerencial e o entendimento dos seus principais benefícios oferecidos. Empresas de pequeno porte também podem utilizar estas ferramentas de gestão para que possam fundamentar suas decisões econômicas e financeiras.

Como contribuição teórica, o presente trabalho contribuirá como referência para alunos do curso e demais interessados sobre o tema, pois o mesmo permanecerá a disposição para futuras consultas no departamento do curso.

A relevância social deste estudo pode ser atingida nos procedimentos adotados pelas empresas de pequeno porte, no qual permite uma melhor visão dos negócios, observado se os objetivos traçados estão sendo executados, trazendo um resultado positivo e seguros para entidade.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção propõe-se a apresentar a fundamentação teórica, objeto do estudo através de conceitos formados por autores renomados da literatura contábil. Destina-se a apresentar os mais diversos conceitos, características e objetivos dos instrumentos que compõe a contabilidade gerencial na utilização para tomada de decisão.

### 2.1 GESTÃO FINANCEIRA

A gestão financeira permite que os administradores visualizem a atual situação da empresa em termos econômicos e financeiros. Conforme SEBRAE (2013), a gestão financeira é um conjunto de ações administrativas envolvendo o planejamento, a análise e o controle das atividades financeiras da empresa. O objetivo é melhorar os resultados e aumentar o valor do seu patrimônio, por meio da geração contínua de lucro.

Nesse sentido, Bieger e Scaramussa (2014 apud Catelli 1999, p. 111) diz que a “gestão é o processo de decisão, baseado em um conjunto de conceitos e princípios coerentes entre si, que visa garantir a consecução da missão da empresa”.

Para que se tenha garantia de que a gestão será bem sucedida, a organização deve possuir informações confiáveis, permitindo ao empresário responsável pela administração utilizá-la no momento da tomada de decisão.

### 2.2 CONTROLES FINANCEIROS

O controle financeiro permite ao administrador planejar, organizar e controlar os recursos financeiros da empresa, gerando informações úteis e confiáveis para tomada de decisão.

Braga (1995) complementa que:

O controle permite obter com rapidez, comparar os planos com os desempenhos reais e fornecer um meio para a realização de um processo de *feedback* no qual o sistema pode ser transformado para que se atinja uma mais perfeita atuação.

Desta forma, podemos dizer que, o controle financeiro tem grande importância no sucesso empresarial das organizações, fornecendo recursos no momento da tomada de decisão.

## 2.3 FERRAMENTAS DE CONTROLE

As ferramentas de controles servem para auxiliar a empresa no momento da organização das informações, como também se beneficiando na obtenção de dados em tempo hábil.

Empresas de pequeno porte, independente do setor de atuação, poderão ter dificuldades para gerenciar suas finanças, caso não utilize das principais ferramentas de gestão, sendo essas, os controles de caixa e de bancos, controles de contas a receber, de contas a pagar e controles de estoque. (SEBRAE, 2005).

### 2.3.1 Controle de Disponibilidades

Podem ser chamadas de disponibilidades ou disponível, as aplicações de liquidez imediata, que são investimentos feitos pela empresa de curto prazo, sendo uma quinzena, uma semana ou um dia; em virtude da existência de um mercado altamente dinâmico, podem ser considerado dinheiro em caixa. (MATARAZZO, 2010).

Santos (2001), diz que o controle de caixa lida com as questões referentes à sobra ou sua insuficiência, além de buscar a distribuição adequada dos saldos dentro do prazo de cobertura.

Segundo Oliveira (2002) a conta banco pertence ao ativo, no qual são debitados valores depositados, creditados ou transferidos, e creditada quando houver cheques emitidos, débitos em conta ou transferências.

O controle de disponibilidades permite aos gestores um acompanhamento dos recursos financeiros, que visam um melhor entendimento das transações efetuadas pela entidade.

### **2.3.2 Controle de Contas a Receber**

Ludícibus et al, (2010), conceitua contas a receber como valores resultantes de vendas a prazo de mercadoria e ou serviços prestados, sendo que essa operação não representa o objetivo central da empresa, mas são normais e inerentes a suas atividades.

Portanto, o controle de contas a receber tem como fim controlar esses valores a receber de clientes, possibilitando identificar eventuais informações como: a data e o montante dos valores a receber, os descontos concedidos, e os juros recebidos; os clientes que pagam em dia, o montante dos créditos já vencidos e os períodos de atraso; as providências tomadas para a cobrança e o recebimento dos valores em atrasos; identificar os principais clientes, o grau de concentração das vendas, a qualidade e a regularidade dos clientes; acompanhamento da regularidade dos pagamentos, e programar as ações para cobrança administrativa ou judicial; fornecer informações para elaboração do fluxo de caixa. (SEBRAE, 2010).

O controle de contas a receber deve ser organizado de maneira que possibilite fornecer informações sobre o total dos valores a receber de clientes, fazer estimativas de valores que entrará no caixa da empresa por períodos de vencimento.

### **2.3.3 Controle de Contas a Pagar**

Contas a Pagar correspondem a valores de todos os compromissos assumidos pela empresa. Megliorini e Vallim (2009) complementam dizendo que são compras efetuadas a prazo de fornecedores de matéria prima, mercadorias para revenda, ou de outros materiais e serviços.

É importante ressaltar que, o controle de contas a pagar possibilita a identificação de todas as obrigações a pagar; priorizar os pagamentos, na hipótese

de dificuldade financeira; verificar as obrigações contratadas e não pagas; não permitir a perda de prazos, de forma a conseguir descontos; não permitir a perda de prazos, de forma que implique no pagamento de multa e juros; fornecer informações para elaboração do fluxo de caixa; conciliação com os saldos contábeis. (SEBRAE, 2010).

Desta forma, o controle das contas a pagar tem como fim garantir que os pagamentos sejam efetuados, bem como permite que a empresa saiba de seus compromissos junto aos seus fornecedores. Esse controle deve ser uma tarefa rotineira, pois normalmente envolve com grande quantidade de dinheiro.

#### **2.3.4 Controle de estoque**

Estoque refere-se às mercadorias adquiridas, ou produtos que são fabricados pela empresa que serão destinados para venda. Ludicibus et al (2010 p. 72), define estoque como “ [...] bens tangíveis ou intangíveis adquiridos ou produzidos pela empresa com o objetivo de venda ou utilização própria no curso normal de suas atividades.”

A nomenclatura empregada nos estoques varia conforme cada empresa. Júnior, Rigo, e Cherobim (2010), destacam algumas, sendo essas, matéria prima e componente: são elementos que compõe no produto final; insumos: são comprados ou produzidos internamente que serão utilizados na elaboração do produto final; produtos em elaboração: produtos que ainda estão fabricados ou montados; e produtos acabados: são produtos já prontos, mas ainda não comercializados.

Portanto, para não ter desvios de mercadorias, e se tenha informações corretas referentes a valores contidos no estoque, dentre outras, se faz necessário um controle de estoque.

## **2.4 DEMONSTRATIVOS CONTÁBEIS**

As demonstrações contábeis são utilizadas pelos gestores para mostrar as organizações diante aos acionistas, credores, governo e a comunidade em geral.

Braga (1999, p.70) diz que “as demonstrações contábeis, [...] têm por objetivo, revelar, a todas as pessoas interessadas, as informações sobre o patrimônio e os resultados da empresa a fim de possibilitar o conhecimento e a análise de sua situação econômico-financeira.”

As seções a seguir serão destinadas a esclarecer os principais demonstrativos contábeis, sendo eles, o balanço patrimonial, demonstrativo do resultado do exercício e o fluxo de caixa.

#### **2.4.1 Balanço Patrimonial**

O Balanço Patrimonial expressa a situação patrimonial da empresa em uma determinada data. Sua função é evidenciar o conjunto patrimonial da entidade, que se divide em bens e direitos, que estão inseridos no ativo, e em obrigações que está inserido no passivo. (PADOVEZE, 2004).

Desta forma, é importante que as contas sejam especificadas no balanço de forma ordenada e uniforme, para permitir ao usuário uma correta interpretação da situação financeira e patrimonial. Para tanto, a Lei 6.404/76 dispõe dos artigos 178 e 182, onde define que, as contas do ativo circulante devem ser classificadas de ordem decrescente por grau de liquidez, e o passivo de ordem decrescente de prioridade de pagamento das exigibilidades. (IUDÍCIBUS et. al., 2010).

O quadro a seguir apresenta de forma geral as contas de maiores destaques contas do ativo, passivo e patrimônio líquido.

Quadro 1- Demonstrativo do Balanço Patrimonial.

<b>BALANÇO PATRIMONIAL</b>	
<b>ATIVO</b>	<b>PASSIVO + PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>
<b>ATIVO CIRCULANTE</b> Caixa e Bancos Contas a Receber Estoques	<b>PASSIVO CIRCULANTE</b> Fornecedor Contas a Pagar Impostos a Recolher Salários a Pagar
<b>ATIVO NÃO CIRCULANTE</b> Realizável a Longo Prazo Investimentos Imobilizado Intangível	<b>PASSIVO NÃO CIRCULANTE</b> Exigível a Longo Prazo <b>PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b> Capital Social Reservas de Capital Ajustes de Avaliação Patrimonial Reservas de Lucros Ações de Tesouraria Prejuízos Acumulados

Fonte: Adaptado a IUDÍCIBUS et. al., 2010.

Para que se tenha uma melhor visualização da situação da empresa, é preciso que se faça uma análise dos dados contidos no balanço. SÁ (2005) traz análise de balanço como um estudo de um sistema patrimonial, podendo ele ser analisado em partes ou em um todo, mediante á estudos de informações e levantamento de dados contábeis. Para tal é necessário entender cada grupo de contas do balanço patrimonial.

As contas do ativo circulante são integradas basicamente, pelas contas de caixa, bancos, aplicações de curto prazo, contas a receber e estoques. (MEGLIORINI E VALLIM, 2009).

O ativo não circulante é composto por ativo realizável à longo prazo, investimentos, imobilizado e intangível. Conforme Júnior, Rigo e Cherobim (2010), esse grupo é constituído em aplicações de recusos e bens, não destinados à venda, no qual a finalidade é a aplicação para produtos e serviços.

O passivo circulante refere-se às obrigações da empresa cujo pagamento se espera que aconteça de acordo com o ciclo operacional da empresa. Estes

compromissos podem representar valores fixos ou variáveis, vencíveis ou a vencer. (IUDÍCIBUS et. al., 2010).

O passivo não circulante diz respeito às obrigações exigíveis a longo prazo, após o exercício social ou após o ciclo operacional. Júnior, Rigo, e Cherobim (2010) destaca algumas contas que compõe o não circulante, tais como, empréstimos e financiamentos, contas e títulos a pagar, Imposto de Renda e Contribuição Social, provisões fiscais, trabalhista e civies, etc...

E por fim, o patrimônio líquido representa o valor contábil pertencendo as acionistas ou sócios. Málaga (2012 p. 36) explica que “o patrimônio líquido representa os recursos dos sócios (cotistas ou acionistas) que estão sendo utilizados no financiamento dos investimentos.”

#### **2.4.2 Demonstrativo do Resultado do Exercício**

O demonstrativo do resultado do exercício (DRE) visa apresentar os resultados (lucro ou prejuízo) obtidos pela empresa em um determinado exercício social, os quais são transferidos para conta de patrimônio líquido. O lucro (ou prejuízo) é resultado de receitas, custos e despesas incorridas apuradas conforme o princípio contábil do regime de competência. (ASSAF NETO, 2002).

Iudícibus et. al. (2010 p. 480) destaca que:

O objetivo da Demonstração do Resultado do Exercício é fornecer aos usuários das demonstrações financeiras da empresa, [...], os dados básicos e essenciais da formação de resultado (lucro ou prejuízo) do exercício.

Este é apresenta de forma dedutiva, evidenciando de maneira resumida as operações da empresa, iniciando pelas receitas deduzidas dos tributos a elas referentes, dos custos e das despesas, trazendo ao final o resultado líquido. (MORANTE, 2007). De acordo com a Lei 6.404/76, devem ser discriminados as seguintes contas:



Quadro 2 Discriminação das contas da DRE

<b>Receita Bruta das Vendas e/ou Serviços</b>
(-)Deduções das vendas
<i>Impostos sobre venda</i>
<i>Devolução e Abatimentos</i>
<b>Receita Líquida das Vendas e/ou Serviços</b>
(-/+ ) Despesas/Receitas Operacionais
Despesas com venda
Despesas Financeiras
Despesas Administrativas
Despesas em Geral
Outras Receitas Operacionais
Outras Despesas Operacionais
<b>Lucro Operacional Líquido</b>
<b>Resultado Financeiro</b>
Receitas Financeiras
Despesas Financeiras
<b>Resultado do Exercício Antes IR e Contribuição Social</b>
Imposto de Renda
Contribuição Social
<b>Lucro após do IR e da Contribuição Social</b>
Participações e Contribuições
<b>Lucro / Prejuízo Líquido do Exercício</b>

Fonte: Adaptado a HOJI (2010)

Contudo, IUDÍCIBUS (2008) relata que, para micro ou pequenas empresas a DRE pode ser demonstrada de maneira simples, visto que, as mesmas não requerem dados minuciosos para a tomada de decisão. Portanto, deve-se demonstrar apenas o total das despesas deduzindo a receita, apurando-se o lucro ou prejuízo. Porém sem destacar os principais grupos da despesa.

Desta forma a empresa de pequeno porte pode optar por utilizar a DRE simples ou a completa, que por sua vez dá um detalhamento melhor das contas.

### 2.4.3 Fluxo de Caixa

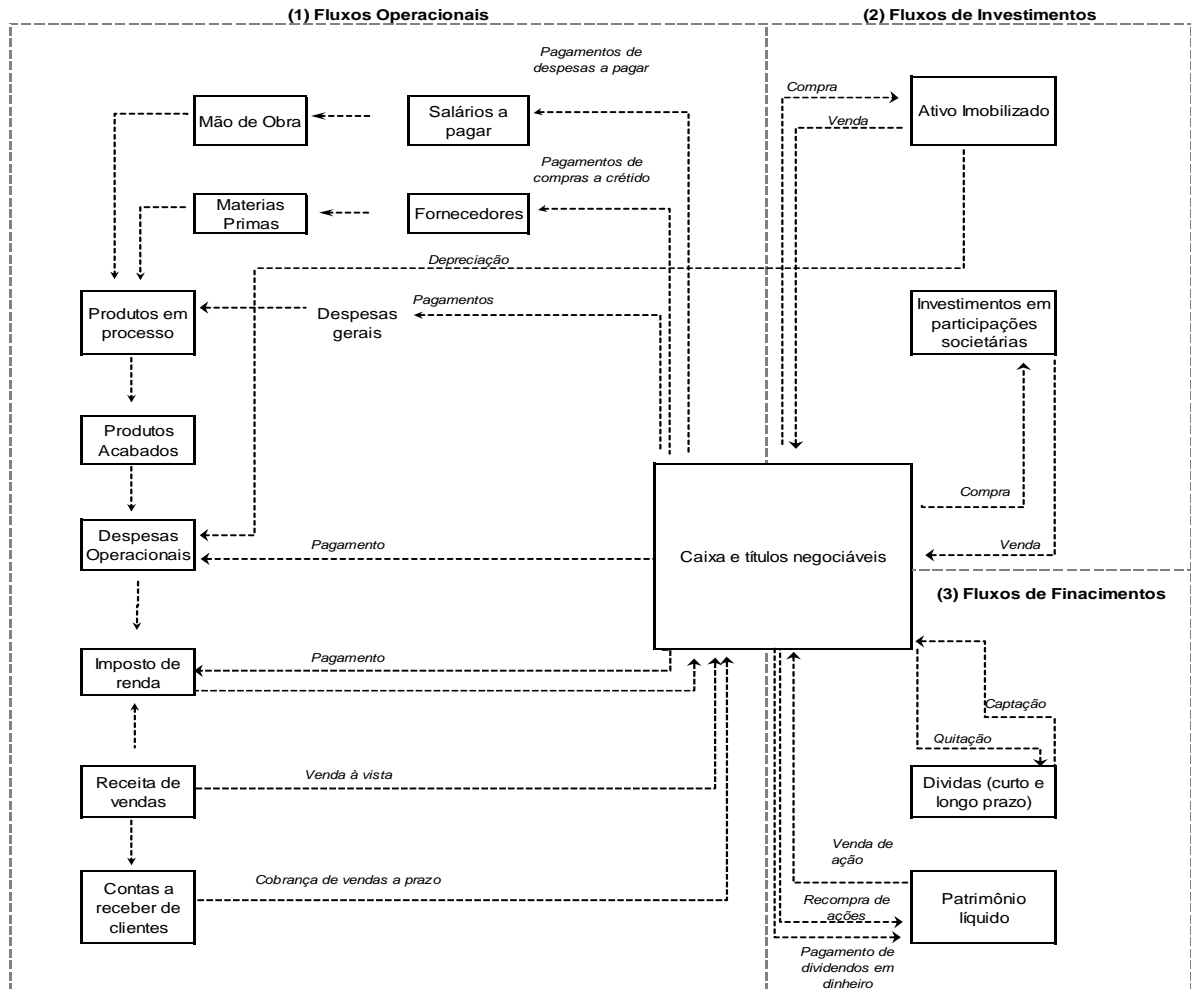
O fluxo de caixa aponta a origem de todo o dinheiro que entrou no caixa e equivalentes de caixa da empresa, bem como a aplicação de todo o dinheiro que

saiu do caixa. Seu objetivo é fornecer estimativas da real situação em que o caixa da empresa apresenta em determinados períodos. (SANTOS, 2001).

O formato de apresentação do fluxo de caixa é o de classificação das movimentações de caixa por grupos de atividades. A identificação dos pagamentos e recebimentos de caixa relaciona-se normalmente, com a natureza da transação oriundas das atividades; operacionais de investimentos e financiamentos. (IUDÍCIBUS, 2010).

A figura 1 a seguir apresenta um esquema contendo as variáveis que impactam na elaboração do fluxo de caixa das empresas.

Figura 1 - Esquema do Fluxo de Caixa da empresa



Fonte: Adaptado a GITMAN (2010, p. 98).

A figura acima relata as atividades do fluxo de caixa, que dividem-se em operacional, investimentos e financeiro. Gitman (2010, p. 98) explica que;

Os fluxos operacionais constituem as entradas e saídas de caixa diretamente relacionadas à venda e produção de bens e serviços. Os fluxos de investimentos representam os fluxos de caixa associados à compra e venda de ativo imobilizado e investimentos em participações societárias. [...] Os fluxos de financiamento provêm de transações financeiras com capital de terceiros (dívidas) de curto prazo ou longo prazos resulta numa entrada de caixa correspondente; a quitação de dívidas resulta em saída de caixa. Da mesma forma, a venda de ações da empresa resulta em entrada de caixa, enquanto a recompra de ações ou distribuições em dinheiro geram saídas de caixa.

A Demonstração do Fluxo de Caixa pode ser elaborada das seguintes formas, pelo método direto, método indireto ou fluxo de caixa financeiro. Este último não é regulado por norma contábil, tem fim específico para análise da tesouraria.

### 2.4.3.1 Método Direto

Esse método é o que possui maior complexidade, porém evidência de forma melhor os detalhamentos das operações. O método direto evidência itens de recebimento e pagamento pelos seus efetivos valores, o que facilita a visualização e a compreensão dos fluxos financeiros. (HOJI 2010). Em seguida tem-se um exemplo de fluxo de caixa direto.

Quadro 3 – Modelo de Fluxo de Caixa Direto

<b>Entradas</b>
+ Recebimento de Clientes
<b>Saídas</b>
- Pagamentos a Fornecedores
- Impostos Recolhidos
- Pagamento de Pessoal
- Despesas Gerais
- Impostos Sobre o Lucro
= <b>Saldo das Atividades Operacionais</b>
+ / - Entrada/Saídas das atividades de Investimentos
= <b>Saldo das Atividades de Investimentos</b>
+ / - Entrada/Saídas das atividades de Financiamentos
= <b>Saldo das Atividades de Financiamento</b>
= <b>Saldo do Período</b>
+ Saldo Inicial das Disponibilidades
= <b>Saldo Disponível</b>

Fonte: Adaptado a Padovezze (2009)

O saldo final das operações expressa o volume líquido de caixa provido ou consumido pelas operações durante o período. (IUDÍCIBUS et. al. 2010).

Fica a critério da empresa destacar outras informações que achar importante ao demonstrar o fluxo de caixa.

### 2.4.3.2 Método Indireto

O método indireto é apresentado de forma diferente do método direto. Neste, o fluxo de caixa é ajustado a partir do o lucro líquido ou prejuízo. No método indireto a elaboração parte do lucro ou prejuízo líquido do exercício, ajustando os valores que não impactaram no caixa, complementando com o aumento ou redução dos saldos das contas de ativos e passivos operacionais. (HOJI 2010). O fluxo de caixa indireto é elaborado da seguinte forma:

Quadro 4 – Modelo de Fluxo de Caixa Indireto

Lucro Líquido
+ Variações de Valores a receber
+ Variações dos Estoques
+ Variações de Fornecedores
+ Variações de IR a pagar
+ Depreciação
= Fluxo de Caixa proveniente das Operações

Fonte: Adaptado a Neto (2002)

A principal utilidade desse método é mostrar as origens e aplicações de caixa decorrentes das alterações temporárias de prazos nas contas relacionadas com o ciclo operacional do negócio. (IUDÍCIBUS et. al., 2010).

Nesse recurso permitir estimar quando de lucro está convertendo em caixa por operação.

### 2.4.4 Fluxo de Caixa Financeiro

O fluxo de caixa financeiro tem por objetivo auxiliar o empresário a tomar decisões sobre a situação financeira da empresa. Este modelo é muito utilizado pela Tesouraria. Nele deverão ser registrados todos os recebimentos e os pagamentos previstos para o dia, a semana e até para o mês. A projeção do fluxo de caixa procura informar sobre quando e com que valor irá ocorrer os pagamentos e recebimentos vinculados à operação da empresa. (LIZ, 2014)

No quadro a seguir é possível visualizar um modelo de fluxo de caixa que pode ser utilizado pela tesouraria.

Quadro 5 - Fluxo de Caixa Financeiro

<b>Fluxo de Caixa Financeiro</b>	XX/XX/14
<b>ENTRADAS (Recebimentos)</b>	
Previsão de recebimento vendas	
Contas a receber-vendas realizadas	
Outros recebimentos	
<b>TOTAL DAS ENTRADAS</b>	
<b>SAÍDAS (Pagamentos)</b>	
Fornecedores	
Custos indiretos e Despesas gerais	
Impostos	
Encargos Financeiros	
Outros Pagamentos	
<b>TOTAL DAS SAÍDAS</b>	
<b>1 (ENTRADAS - SAÍDAS)</b>	
<b>2 SALDO ANTERIOR</b>	
<b>3 SALDO ACUMULADO (1 + 2)</b>	
<b>4 NECESSIDADE EMPRÉSTIMOS</b>	
<b>5 SALDO FINAL (3 + 4)</b>	

Fonte: Adaptado SEBRAE (2013)

Como demonstra a quadro acima, o fluxo de caixa financeiro difere do fluxo de caixa contábil, esse não é separado por atividade, apenas dividisse em entradas e saídas. Morante e Jorge (2008 p. 75) completam dizendo que “[...] uma adequada gestão do caixa da empresa implicam em um acompanhamento diário dos recebimentos e pagamentos, [...].”

De acordo com Zdanowicz (2004 p. 145) “quanto mais especificado for o fluxo de caixa, melhor será o controle sobre as entradas e saídas de caixa, verificando assim, as suas defasagens e determinando as medidas corretas ou saneadoras para os períodos subsequentes.”

Os recebimentos referem-se a todas as entradas de caixa da empresa durante um período financeiro. Os elementos mais comuns dos recebimentos são:

vendas à vista, contas a receber e outros recebimentos em dinheiro. (GITAMAN, 2010).

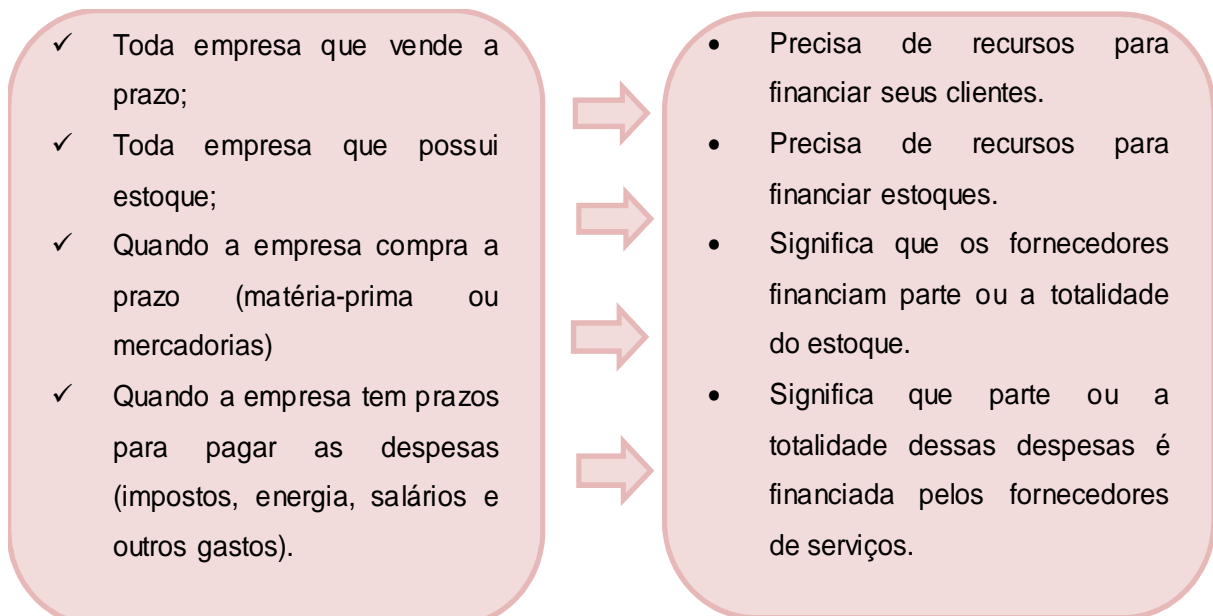
Os pagamentos ou também chamado de desembolso, significa as operações financeiras decorrentes de pagamentos, passados pelo processo de produção, comercialização e distribuição de produtos pela empresa. (ZDANOWICZ, 2004).

## 2.5 CAPITAL DE GIRO

Capital de giro refere-se ao capital necessário para financiar a atividade da empresa. Conforme Hoji (2010, p.106) “[...] o capital de giro fica *girando* dentro da empresa e, a cada vez que sofre transformação em seu estado patrimonial, produz reflexo na contabilidade. Até que se transforme finalmente em dinheiro [...].”

Assim, podemos dizer que, o capital de giro está relacionado com as contas operacionais que movimentam o dia-a-dia da empresa, então entende-se que:

### Quadro 6: Capital de Giro e as Contas operacionais



Fonte: Adaptado a SEBRAE (2013)

A expectativa de qualquer analista é de que a organização deve controlar corretamente seu capital de giro, de forma consciente, equilibradamente, bem como,

qualquer excesso não prejudique seu comportamento junto a seus credores, sejam eles fornecedores ou banco. (MORANTE, 2007).

Como complemento a análise do capital de giro, apresenta-se o modelo de Fleuriet. Conforme demonstra a figura a seguir, esse modelo contém três conceitos para a avaliação financeira da empresa, sendo esses:

Figura 2 - Modelo de Fleuriet



Fonte: Adaptado a Fleuriet

As seções a seguir são destinadas a comentar cada análise pertinente à análise de Fleuriet.

### 2.5.1 Capital Circulante Líquido – CCL

O Capital Circulante Líquido (CCL) é representado pela diferente entre ativo circulante menos o passivo circulante. Segundo Vieira (2005, pg. 49), capital circulante líquido “é um valor monetário, calculado pela diferença entre os recursos previstos nos disponíveis e as obrigações vencíveis a curto prazo. Compreende uma medida de folga financeira da empresa para honrar seus compromissos registrados no passivo circulante, ou seja, em curto prazo.”.

Morante (2007) explica capital circulante líquido como o valor líquido das aplicações, das dívidas a curto prazo processadas no ativo circulante da empresa. Ou seja, a forma mais simples de obter-se o valor do capital circulante líquido é mediante a diferença do ativo circulante e o passivo circulante, logo:



**Fórmula:**

$$\text{CCL} = \text{Ativo Circulante} - \text{Passivo Circulante}$$

Assim, quando o ativo circulante superar o passivo circulante, a entidade possui um capital circulante líquido. Porém quando o ativo circulante for inferior ao passivo circulante tem-se um capital de giro negativo. (GITMAN, 2010).

Desta forma, quando a empresa apresentar um capital de giro positivo significa que possui recursos a longo prazo investido nas contas de curto prazo. Entretanto, ao inverter a situação, ou seja, o capital circulante líquido é negativo, demonstra-se a existência de aplicações à longo prazo sendo financiados com recursos a curto prazo.

### 2.5.2 Necessidade de Capital de Giro – NCG

Necessidade de Capital de Giro refere-se ao montante que a organização necessitará para honrar seus compromissos operacionais.

Segundo Morante e Jorge (2008, p. 38),

A Necessidade de Capital de Giro (NCG) é resultado direto das condições operacional de uma organização. Assim sendo, o ciclo financeiro e o volume de vendas diárias, além da consideração de outros ativos e passivos circulantes relevantes, expressam o volume financeiro de capital de giro que será necessário para a viabilidade do empreendimento. [...].

Matarrazo (2010) explica que NCG não é fundamental apenas para a análise da empresa do ponto de vista financeiro, ou seja, análise de caixa, mas também de estratégias de financiamento, crescimento e lucratividade.

Um dos maiores desafios dos gestores é o direcionamento correto da necessidade de capital de giro. Pois essa função requer visão abrangente processo de operação da empresa, de suas práticas comerciais e financeiras, bem como as informações referentes aos prazos de cobrança e recebimento. SANTOS (2001).

É por meio da diferença entre o ativo operacional que é o investimento que procede das atividades de compra/produção/estocagem/venda; e o passivo operacional que é o financiamento que decorre também das atividades de

compra/produção/estocagem/venda, que a empresa necessita de capital para financiar o giro, ou seja, a NCG. (MATARAZZO, 2010).

A seguir apresenta-se a fórmula aplicável ao cálculo da necessidade de capital de giro.

**Fórmula:**

$$\text{NCG} = \text{Ativo Operacional} - \text{Passivo Operacional}$$

Quando o ativo operacional for maior que o passivo operacional há necessidade de capital de giro, desta forma a empresa deve encontrar maneiras adequadas para financiamento; se o ativo operacional for menor que o passivo operacional significa que tem mais financiamentos do que investimentos, desta forma a empresa dispõe de recursos das atividades operacionais que poderão ser utilizadas para aplicações financeiras. (MATARAZZO, 2010)

### 2.5.3 Saldo de Tesouraria – ST

De acordo com Málaga (2012), o saldo de tesouraria é um instrumento do gestor na administração de seu grau de risco. Caso apresente uma aversão de risco elevado, ou em uma operação de curto prazo apresentar um risco em seus ativos operacionais superior ao referido no balanço, pode-se utilizar o saldo de tesouraria para amenizar essa consequência.

No entanto, quando os recursos de longo prazo oriundo do capital de giro não são suficientes para atender à demanda operacional de recursos representada pela necessidade de capital de giro, a empresa precisa utilizar fontes de curto prazo, com o objetivo de complementar o financiamento das suas atividades. (VIEIRA, 2005)

O saldo de tesouraria é calculado pela diferença entre o Capital Circulante Líquido e a Necessidade de Capital de Giro.

**Fórmula:**

$$\text{ST} = \text{CCL} - \text{NCG}$$

Desta forma, quando o saldo de tesouraria for positivo, ou seja, possui folga financeira, terá disponibilidades de recursos para financiar o NCG, da mesma forma que, se o saldo de tesouraria for negativo, a entidade necessitará de mais investimentos a curto prazo para conseguir financiar suas obrigações.

## 2.6 INDICADORES DE DESEMPENHO

A análise dos indicadores de desempenho tem como objetivo avaliar a variação da riqueza da organização com base na comparação de dois ou mais períodos distintos.

Braga (1999) diz que a análise realizada por meio das demonstrações contábeis podem ser avaliar os aspectos patrimoniais, econômicos e financeiros com o objetivo da observação e confrontos dos elementos patrimoniais e os resultados das operações, visando ao conhecimento minucioso de sua composição, de modo a revelar os fatores antecedentes e determinantes da situação atual, e, também, a servir de ponto de partida para delinear o componente futuro da empresa.

A análise deve certificar aos usuários destas informações os fatores que auxiliam as empresas perante a tomada de decisão.

### 2.6.1 Análise Vertical/Horizontal

A análise vertical e horizontal pode ser iniciada, uma vez que, padronizadas as demonstrações financeiras. Esse método de análise segundo Silva (2001) presta valiosa contribuição para um melhor entendimento da estrutura e da tendência de números de uma empresa.

A análise horizontal é a comparação que se faz entre os valores de uma mesma conta ou grupo de contas, em diferentes exercícios sociais. É basicamente um processo de análise temporal, desenvolvido por meio de números índices. (VIEIRA, 2005)

A análise vertical na visão de Assaf Neto (2006), é também um processo comparativo, expresso em porcentagem, que se aplica ao se relacionar uma conta

ou grupo de contas com um valor afim ou relacionável, identificado no mesmo demonstrativo.

Matarazzo (2010 p.170) descreve sobre análise vertical e horizontal da seguinte forma:

Os índices podem informar, por exemplo, que uma empresa está com alto endividamento. A Análise Vertical/Horizontal aponta qual o principal credor e como se alterou a participação de cada credor nos últimos dois exercícios. Ou, então, os índices indicam que a empresa teve reduzida sua margem de lucro; a Análise Vertical/Horizontal apontará, por exemplo, que isso se deveu ao crescimento desproporcional das despesas administrativas.

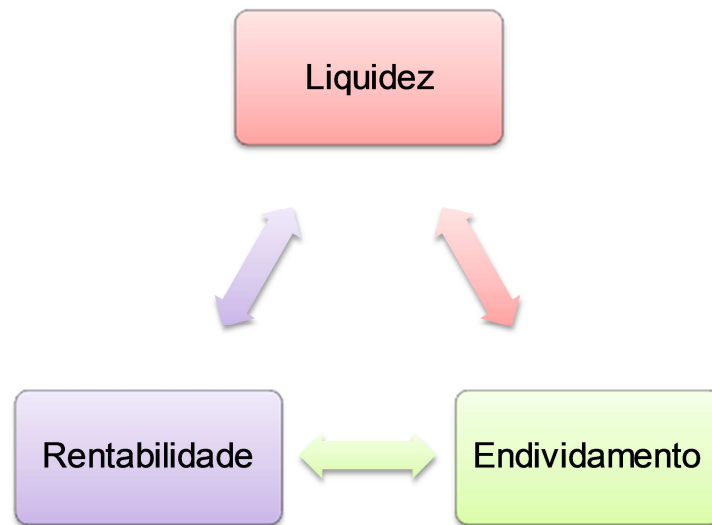
Desta forma, a análise vertical e horizontal demonstra as alterações das contas apresentadas nas demonstrações contábeis, apontando os fatores que influenciaram diretamente no resultado da empresa.

### **2.6.2 Tripé de Análise**

A análise das demonstrações contábeis permite visualizar a situação econômico-financeira da empresa. E de acordo com Marion (2007) o tripé da análise permite conhecer esta situação com maior nível de detalhes. O tripé de análise é composto pelos seguintes índices: Liquidez (situação Financeira), Rentabilidade (situação econômica) e Endividamento (estrutura do capital).

Na figura 2 a seguir é possível visualizar os grupos de índices abordados no tripé de análise.

Figura 3 - Tripé de Análise



Fonte: Adaptado a Marion (2007)

As seções a seguir abordam individualmente cada grupo de indicadores contemplados na figura 2.

### 2.6.3 Índices de Liquidez

Os índices de liquidez são utilizados para medir a capacidade de pagamento da empresa. Marion (2007) conclui dizendo que esta capacidade pode ser medida considerando: longo prazo, curto prazo e prazo imediato.

Segundo Santos, Schimidt e Martins (2006 p.116) o objetivo dos índices de liquidez é:

Apresentar a relação existente entre os ativos e passivos de curto e longo prazo, criando indicativos sobre a aferição da capacidade de a empresa converter em dinheiro seus ativos de curto e longo prazo, bem como sobre a sua capacidade de pagamento das obrigações de curto e longo prazo. [...].

Portando, esses indicadores revelam a situação financeira da empresa mediante seus compromissos financeiros. Os mais utilizados para cálculo de análise são: liquidez imediata; liquidez geral; liquidez corrente e liquidez seca.

### 2.6.3.1 Liquidez Imediata (LI)

O indicador de liquidez imediata compara os valores que a empresa possui no seu disponível com suas obrigações à curto prazo. Segundo Assaf Neto (2006) esse indicador revela os valores das dívidas à curto prazo em condições a serem liquidadas em imediato. Seus resultados são obtidos através da seguinte fórmula:

**Fórmula:**

$$\text{Liquidez Imediata} = \frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Assim, o índice de liquidez imediata indica quantos reais existem disponíveis em imediato para cada R\$1,00 de passivo circulante. Desta forma se uma empresa possuir em seu índice de liquidez R\$ 0,65, quer dizer que a empresa possui de R\$ 0,65 para cada R\$ 1,00 de obrigações de curto prazo. (SANTOS, SCHMIDT e MARTINS, 2006)

Assaf Neto (2006 p.190) relata que “esse quociente é normalmente baixo pelo pouco interesse das empresas em manter recursos monetários em caixa, ativo operacionalmente de reduzida rentabilidade.”.

### 2.6.3.2 Liquidez Geral (LG)

A liquidez geral apresenta de forma ampla a situação financeira da organização, pois abrange os saldos de curto e longo prazo. Revelando quanto de ativo total tem para cada real de passivo total.

Santos, Schmidt e Martins, (2006, p. 119) explicam que:

O índice de liquidez geral é obtido pela razão entre o ativo circulante mais o ativo realizável à longo prazo da empresa e o seu passivo circulante somando ao passivo exigível a longo prazo, isto é, compara os bens e os direitos que se converterão em dinheiro em curto e longo prazo com as obrigações com igual prazo de vencimento.

Silva (2001) explica que esse indicador revela quanto à empresa possui em dinheiro, bens e direitos realizáveis a curto e longo prazo para saldar suas obrigações totais.

**Fórmula:**

$$\text{Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a LP}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Realizável a LP}}$$

Este indicador é tido como “quanto maior, melhor”, visto que indica quantos reais existentes nos ativos realizáveis para cada R\$1,00 de passivos exigíveis.

### 2.6.3.3 Liquidez Corrente (LC)

O indicador de liquidez corrente demonstra a capacidade da organização em pagar suas obrigações à curto prazo. Esse índice indica quanto a empresa possui seu ativo circulante comparando com suas dívidas a serem pagas a curto prazo. (SILVA, 2001).

A fórmula abaixo apresenta o cálculo utilizado por esse indicador.

**Fórmula:**

$$\text{Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

A principal limitação deste indicador é de que ele pressupõe que os estoques se converteram em dinheiro em imediato por seus valores contábeis e não de mercado. É a medida de solvência mais utilizada pelas empresas. (SANTOS, SCHMIDT E MARTINS, 2006)

Sua importância segundo Marion (2006 p. 191) é “quanto maior a liquidez corrente, mais alta se apresenta a capacidade da empresa em financiar suas necessidades de capital de giro.”

Portanto o índice de liquidez corrente indica quantos reais possuiu no ativo circulante para cada R\$1,00 existente no passivo circulante.

#### 2.6.3.4 Liquidez Seca (LS)

O indicar de liquidez seca demonstra a capacidade da empresa em quitar suas obrigações a curto prazo desconsiderando os estoques. Braga (2006) conceitua de liquidez seca como um índice que mede a capacidade da empresa quitar suas dívidas sem ser forçada a vender seus estoques. Como apresenta a fórmula a seguir:

**Fórmula:**

$$\text{Liquidez Seca} = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoque}}{\text{Passivo Circulante}}$$

“Os estoques são abatidos do valor do ativo circulante em razão de serem os ativos circulantes menos líquidos da empresa, conseqüentemente, mais suscetíveis à perda no caso de liquidação da organização.” (SANTOS, SCHMIDT E MARTINS, 2006 p. 118)

Desta forma é interessante verificar qual a capacidade em que a empresa tem para liquidar suas obrigações sem se prender as vendas do estoque.

#### 2.6.4 Rentabilidade

Conforme Hoji (2010, p.290), “[...] os índices de rentabilidade são calculados, geralmente, sobre as Receitas Líquidas [...], mas, em alguns casos, podem ser interessante calcular sobre as Receitas Brutas deduzidas somente das Vendas canceladas e abatimentos.”

Os indicadores são de grande importância, pois evidência o sucesso da empresa, desta forma pode-se dizer que este índice demonstra o quanto a empresa tem de retorno sobre suas atividades operacionais.



#### 2.6.4.1 Margem Bruta - MB

Margem Bruta é encontrada em forma de porcentagem. Gitman (2010) explica que a Margem Bruta mede a porcentagem de cada unidade monetária de vendas que permanecem após a empresa deduzir o valor dos bens vendidos. Quanto maior a margem de lucro bruto, melhor (isto é, menor o custo das mercadorias vendidas). A Margem Bruta é calculada da seguinte forma:

**Fórmula:**

$$MB = \frac{\text{Lucro bruto}}{\text{Receita Líquida}}$$

Esse índice indica quanto a empresa obtém de Lucro bruto para cada R\$ 1,00 de Receita Líquida.

#### 2.6.4.2 Margem Líquida – ML

Margem líquida está ligada ao sucesso da empresa em relação com os lucros obtidos com as vendas. Gitman (2010) explica que a margem líquida mede a porcentagem de cada unidade monetária de vendas renascentes após a dedução de todos os custos e despesas, *inclusive* juros, impostos, e dividendos de ações preferenciais. Esse indicador é calculado da seguinte forma:

**Fórmula:**

$$ML = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita Líquida}}$$

Para efeito de análise financeira este indicador é considerado o resultado quanto maior, melhor para a segurança do credor.

#### 2.6.4.3 Rentabilidade do Patrimônio Líquido (sócio) – RPL

Rentabilidade do patrimônio líquido tem como objetivo, indicar a lucratividade em relação aos capitais próprios, posicionando esses capitais diante de investimentos alternativos. (MORANTE 2007 p. 43)

A rentabilidade do patrimônio líquido é calculada da seguinte forma:

**Fórmula:**

$$\text{RPL} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Esse índice informa quanto rende o capital investido pelos sócios na empresa e sua interpretação é considerada, quanto maior, melhor.

#### 2.6.5 Endividamento

É através do índice de endividamento que se pode visualizar o grau de endividamento da empresa. O índice de endividamento em regras gerais indica o volume de dinheiro de terceiros utilizado para geração de lucros. Portanto, quanto maior o endividamento, maior será o risco da entidade em não honrar com seus compromissos. (GITMAN, 2010)

Desta forma, ainda segundo o autor, quanto menor o grau de endividamento, maior será a capacidade financeira da empresa a longo prazo. A análise desse indicador demonstra a política de aquisição dos recursos da empresa.

##### 2.6.5.1 Endividamento Total

O índice de endividamento total manifesta a relevância dos recursos de terceiros financiados no ativo. Esse índice mede a importância do ativo total financiados pelos credores da entidade. Consideram-se os resultados para análise, quanto mais elevados, maior o montante de capital de terceiros usados para obter lucro. (GITMAN, 2010)

Esse índice é calculado da seguinte forma:

**Fórmula:**

Endividamento	=	Exigível total
Total		Total do Ativo

Portanto, o índice de endividamento total informa quanto do ativo total está sendo utilizado para cumprir com as obrigações totais da empresa.

#### 2.6.5.2 Participação de capital de Terceiros

Participação de capital de terceiros relata quanto a empresa utiliza do capital de terceiros em relação ao capital próprio. Segundo Matarazzo (2010) é através deste indicador que se pode ver qual será a proporção entre capital de terceiros e patrimônio líquido utilizado pela empresa.

**Fórmula:**

Participação de	=	Exigível total
Capital de Terceiro		Patrimônio Líquido

“Se o grau de capital de terceiros for inferior à unidade significa que a empresa não oferece cobertura aos capitais de terceiros alocados nela.” (ZDANOWICZ, 2004 p. 72).

De acordo com Zdanowicz (2004) quando o grau de garantia de capital de terceiros for maior, significa que a empresa está financiando o ativo em maior proporção com capitais próprios em relação aos derivados de terceiros.

Contudo podemos afirmar que quanto menor o resultado indicar, melhor.

#### 2.6.5.3 Composição do Endividamento

Faz a comparação do montante de dívidas a curto prazo com endividamento total. Morante (2007, p. 37) diz que o objetivo do índice de composição do endividamento é “indicar a relação entre os compromissos com

terceiros a curto prazo e a somatória destes com os de longo prazo.” Conforme demonstra a fórmula abaixo:

**Fórmula:**

$$\text{Composição do Endividamento} = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Exigível total}}$$

Para esse índice quando menor, melhor, pois representa que grande parte de suas dívidas não estarão alocadas no curto prazo.

#### 2.6.5.4 Imobilização do Patrimônio Líquido

Apresenta quanto do Ativo Permanente (Investimentos, Imobilizado e Intangível) é financiado pelo Patrimônio Líquido. Seu principal objetivo é “indicar a relação entre capitais próprios e sua aplicação em ativos cuja intenção não seja a de convertê-los em dinheiro para o giro de negócio.” (MORANTE, 2007 p. 38).

**Fórmula:**

$$\text{Imobilização do Patrimônio Líquido} = \frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Matarazzo (2010) explica que quanto mais a empresa investir no ativo permanente, menos recursos sobrarão para o ativo circulante e, em consequência, maior será a dependência a capitais de terceiros para financiamento do ativo circulante.

É importante que a empresa disponha de um patrimônio líquido suficiente para cobrir o ativo permanente e que ainda sobre uma parte do capital circulante próprio suficiente para financiar o ativo circulante.

#### 2.6.6 Índices de Atividade – Prazos Médios

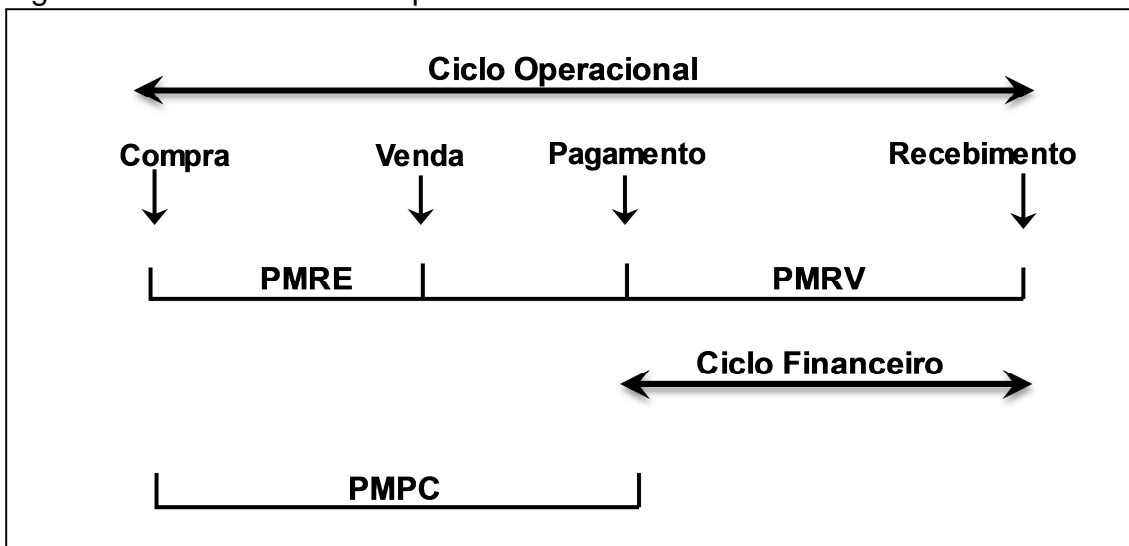
Existem basicamente três índices de atividades: o prazo médio de renovação de estoque, prazo médio de recebimento de vendas e prazo médio de

pagamento de compras. Os índices de prazo médio devem ser analisados sempre em grupo. A conjugação desses índices leva à análise dos ciclos operacionais e financeiro, elementos esses fundamentais para a determinação de estratégias empresariais, tanto comerciais quanto financeira, geralmente indispensáveis para designar o sucesso ou fracasso da organização. (MATARAZZO, 2010)

O ciclo operacional inicia com a compra de matéria-prima ou mercadoria para revenda, onde certa quantia fica estocada, passando para a venda do produto ou mercadoria, até o recebimento da venda. O ciclo financeiro decorre entre o recebimento das vendas e o pagamento das compras. (MORANTE e JORGE, 2007).

A figura 3 a seguir exemplifica o funcionamento dos ciclos operacionais e financeiros

Figura 4 Análise dos ciclos operacional e ciclo financeiro



Fonte: Adaptado a Matarazzo, 2010.

A figura acima demonstra a situação em que os fornecedores financiam totalmente os estoques e uma parte das vendas. Matarazzo (2010) descreve que, o ciclo operacional revela o prazo de investimentos. Juntamente ao ciclo operacional ocorre o financiamento concedido pelos fornecedores, a partir do momento da compra. Caso o PMPC for superior ao PMRE, os fornecedores também financiarão uma parte das vendas da empresa. O percurso entre o ato em que a organização coloca o dinheiro (pagamento a fornecedores) e o momento em que recebe as vendas (recebimento de clientes) é o período em que ocorre o ciclo financeiro.

Para cálculo dos ciclos operacionais e financeiro, é necessário termos os prazos médio de vendas, estoques e compras. As seções a seguir são destinadas ao estudo de cada um deles individualmente.

#### 2.6.6.1 Prazo Médio de Renovação do Estoque – PMRE

Prazo médio de renovação de estoque informa quantos dias à empresa leva para vender seus estoques. Conforme Morante (2007, p. 34), o objetivo deste índice é “indicar o número de dias que decorrem entre a compra de mercadoria e a sua venda, no caso do comércio, e no caso da indústria, a matéria prima”.

Seu cálculo é representado pela seguinte fórmula:

**Fórmula:**

$$\text{PMRE} = \frac{\text{Estoque}}{\text{Custos das Vendas}} \times 360 \text{ (dias)}$$

Para análise financeira é considerado, quanto menor melhor, visto que, se tiver uma quantidade menor nos estoques significa que a empresa está vendendo mais, indicando uma possibilidade maior de disponibilidades, além de estar renovando capital de giro.

#### 2.6.6.2 Prazo Médio de Recebimento de Vendas – PMRV

O prazo médio de recebimento de vendas diz respeito, ao tempo decorrido entre a venda e o recebimento. Seu objetivo é “indicar o número de dias que decorrem entre a compra de mercadoria e sua venda, no caso de comércio; no caso de indústria, a matéria prima.” (MORANTE, 2007 p. 34).

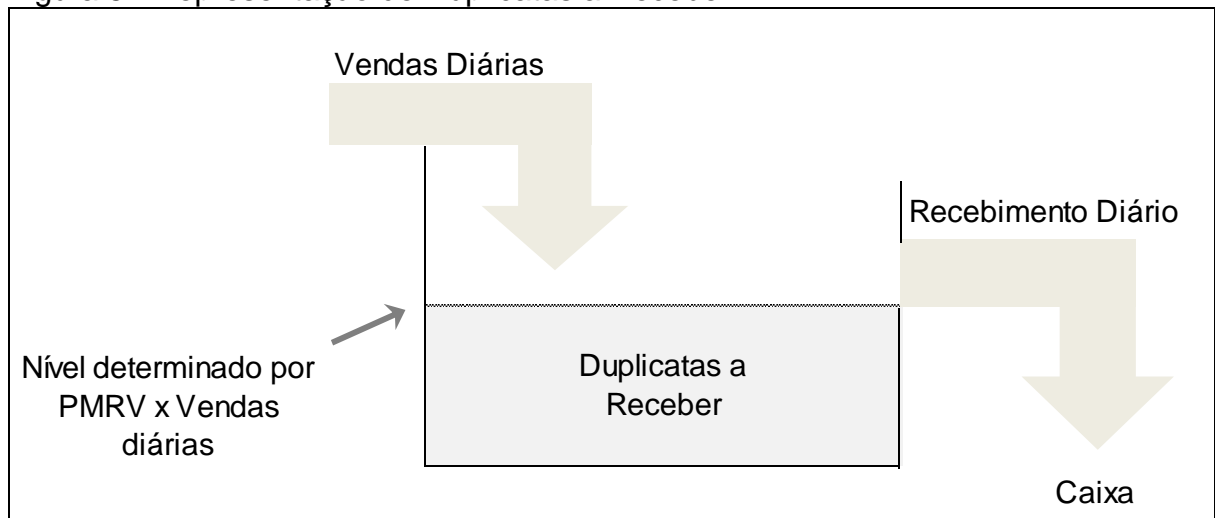
O prazo médio de recebimento de vendas é útil para analisar as políticas de créditos de cobrança. Pode ser obtido na divisão de duplicatas a receber de clientes e o valor das vendas. (GITMAN, 2010). Conforme demonstra a fórmula:

**Fórmula:**

$$\text{PMRV} = \frac{\text{Duplicatas a Receber}}{\text{Vendas}} \times 360 \text{ (dias)}$$

De acordo com Matarazzo (2010), as duplicatas a receber funcionam como uma espécie de reservatório que é alimentado pelas vendas e, ao mesmo tempo, alimenta o caixa. Diante disso têm-se a representação deste conceito através da figura a seguir.

Figura 5 - Representação de Duplicatas a Receber



Fonte: Adaptado a Matarazzo (2010 p. 263).

O autor ainda enfatiza que, o nível do reservatório significa o volume de investimentos realizados pela organização em duplicatas a receber. Sendo que a movimentação de entrada e de saída do reservatório não depende do seu nível, mas sim, de quanto entra diretamente no reservatório, ou seja, a entrada em caixa será igual, qualquer que seja o nível do reservatório.

### 2.6.6.3 Prazo Médio de Pagamentos de Compras – PMRC

Prazo médio de pagamento de compras informa o prazo médio do pagamento efetuado a fornecedores. Morante (2007) descreve que o objetivo deste

índice é indicar o número de dias que decorrem, em média, entre a compra e seu efetivo pagamento aos fornecedores”

. Seu cálculo é da seguinte forma:

**Fórmula:**

$$\text{PMPC} = \frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}} \times 360 \text{ (dias)}$$

Para análise financeira é considerado, quanto maior melhor. Para uma boa saúde financeira da empresa ele deve ser no mínimo maior do que o prazo de recebimento das vendas.



### **3 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

As pesquisas recebem três classificações: quanto aos objetivos, que podem ser exploratório, descritivo, correlacionam e ou explicativo; quanto aos procedimentos que podem ser estudo de caso, levantamento, pesquisa bibliográfica, análise documental, pesquisa participante e pesquisa experimental; e quanto à sua abordagem, que pode ser qualitativa ou quantitativa. BEUREN (2006)

#### **3.1 QUANTO AOS OBJETIVOS DA PESQUISA**

O trabalho em questão possui classificação descritiva, pois tem a finalidade a analisar os fatos de maneira que possa ser identificado se há viabilidade na utilização do processo em análise, no qual serão utilizados dados reais.

#### **3.2 QUANTO AOS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA**

Os procedimentos da pesquisa serão ser caracterizados por um estudo de caso e pesquisa bibliográfica.

##### **3.2.1 Estudo de Caso**

O estudo de caso é caracterizado por ser uma pesquisa feita sobre um determinado assunto, analisando a viabilidade de determinados assuntos, tentando conhecer e explicar as maneiras de como se processam seus aspectos estruturais e funcionais.

##### **3.2.2 Pesquisa Bibliográfica**

Para elaboração do trabalho será utilizado livros de autores renomados e artigos científicos que tratam sobre o assunto em questão. Também serão

analisadas demonstrações financeiras que irá ser disponibilizada pela empresa em questão.

A pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinados assuntos ou fenômeno. OLIVEIRA (1999, p. 119).

Qualquer fonte utilizada, seja ela parcial ou total, é caracterizada como pesquisa bibliográfica.

### 3.3 QUANTO À ABORDAGEM DO PROBLEMA

A pesquisa irá ter a abordagem qualitativa, pois permite descrever a complexidade de um determinado problema, e analisar o processo pelo qual diz respeito ao estudo de caso que irá ser abordado no trabalho em questão.

Conforme OLIVEIRA (1999 p.116), o tratamento qualitativo de um problema, [...] apresenta-se de forma adequada para poder entender a relação de causa e efeito do fenômeno e conseqüentemente chegar à verdadeira razão.

Desta forma, como já mencionado nos procedimentos da pesquisa, para a solução do problema em questão será utilizado de um estudo de caso.

## 4 ESTUDO DE CASO

Este capítulo tem como propósito destacar, a colaboração da análise contábil para a gestão de uma empresa de pequeno porte. Para tanto foi necessário obter dados passados relativo às informações financeiras para a elaboração dos demonstrativos gerenciais propostos neste estudo.

A análise concentra-se nos demonstrativos contábeis gerenciais elaborados nos anos de 2012 e 2013.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

A empresa em estudo é denominada para fins dessa pesquisa pelo nome fictício “ASM Distribuidora de Alimentos LTDA” fundada em maio de 2007, no município de Içara no estado de Santa Catarina. Tem como atividade o comércio atacadista de chocolates, confeites, balas, bombons e semelhantes. Tratando-se de um empreendimento familiar, sendo sua administração realizada por apenas um sócio.

Seu quadro funcional é formado pela diretoria, setor administrativo, e o comercial. A figura abaixo apresenta o organograma da empresa.

Figura 6 - Organograma ASM Distribuidora de Alimentos LTDA



Fonte: Elaborada pela Autora (2013)

Vale ressaltar que se trata de uma pequena empresa, sendo esta optante pelo Simples Nacional.

#### **4.1.1 Mercado de Atuação**

Quanto aos clientes, a empresa atende pessoas física e jurídica, apenas nas regiões Sul de Santa Catarina, possuindo atualmente uma carteira de 80 clientes ativos.

### **4.2 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS**

Os dados coletados foram disponibilizados pelo contador, com consentimento do proprietário da empresa. Foram utilizados o balanço patrimonial, fluxo de caixa e demonstrativo de resultado do exercício.

#### **4.2.1 Análise da Situação Patrimonial**

Serão apresentas nesta seção as Análises Vertical e Horizontal do Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado do Exercício.

##### **4.2.1.1 Análise Vertical/ Horizontal**

A seguir será apresentada a análise horizontal que compara a variação da conta em relação ao ano anterior, bem como a análise vertical que possibilita a comparação das contas com o grupo do próprio ano a que pertence.

A tabela 1 a seguir apresenta as variações contidas no balanço patrimonial no grupo de ativo.

Tabela 1 – Análise Vertical/Horizontal do Ativo

Ativo	2012	AV%	2013	AV%	AH%
<b>Circulante</b>	<b>257.476</b>	<b>54%</b>	<b>427.710</b>	<b>66%</b>	<b>66%</b>
Disponível (caixas e bancos)	16.326	3,4%	39.715	6,1%	143,3%
Clientes	85.263	17,8%	99.649	15,4%	16,9%
Estoques	155.887	32,5%	288.346	44,5%	85,0%
<b>Não Circulante</b>	<b>222.543</b>	<b>46%</b>	<b>220.817</b>	<b>34%</b>	<b>-1%</b>
<b>Ativos Realizáveis a Longo Prazo</b>	<b>7.312</b>	<b>2%</b>	<b>7.312</b>	<b>1%</b>	<b>0%</b>
Outros Ativos	7.312	1,5%	7.312	1,1%	0,0%
<b>Investimentos</b>	<b>25.000</b>	<b>5,2%</b>	<b>25.000</b>	<b>3,9%</b>	<b>0,0%</b>
<b>Imobilizado</b>	<b>190.231</b>	<b>39,6%</b>	<b>188.505</b>	<b>29,1%</b>	<b>-0,9%</b>
<b>Intangível</b>	<b>-</b>	<b>0,0%</b>	<b>-</b>	<b>0,0%</b>	<b>0,0%</b>
<b>Total do Ativo</b>	<b>480.019</b>	<b>100%</b>	<b>648.526</b>	<b>100%</b>	<b>35%</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Analisando o ativo podemos perceber que verticalmente a conta que possui maior destaque é a de estoques. Os estoques representavam 32,50% do ativo em 2012 e em 2013 passou a representar 44,50%. Essa variação é resultado do alto volume de compras realizadas no ano de 2013 e que não foram vendidas.

Na análise horizontal, duas contas merecem destaques: disponibilidades que aumentou em 143,30% e estoques que possui variação de 85% em relação a 2013.

A seguir, por meio da tabela 2, vamos analisar o passivo e o patrimônio líquido da empresa.

Tabela 2 – Análise Vertical/Horizontal do Passivo

<b>Passivo</b>	<b>2012</b>	<b>AV%</b>	<b>2013</b>	<b>AV%</b>	<b>AH%</b>
<b>Circulante</b>	<b>145.125</b>	<b>30%</b>	<b>224.926</b>	<b>35%</b>	<b>55%</b>
Salários	13.516	2,8%	14.246	2,2%	5,4%
Impostos a Recolher	8.623	1,8%	35.482	5,5%	311,5%
Contas a Pagar (Curto Prazo)	43.275	9,0%	70.353	10,8%	62,6%
Fornecedores	79.711	16,6%	104.845	16,2%	31,5%
Financiamento a Curto Prazo	-	0,0%	-	0,0%	0,0%
<b>Não Circulante</b>	<b>-</b>	<b>0%</b>	<b>-</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>
Financiamento a Longo Prazo	-	0,0%	-	0,0%	0,0%
Outros Passivos	-	0,0%	-	0,0%	0,0%
<b>Patrimônio Líquido</b>	<b>334.894</b>	<b>70%</b>	<b>423.600</b>	<b>65%</b>	<b>26%</b>
Capital Social	165.000	34,4%	165.000	25,4%	0,0%
Resultados Acumulados	169.894	35,4%	258.600	39,9%	52,2%
<b>Total do Passivo</b>	<b>480.019</b>	<b>100%</b>	<b>648.526</b>	<b>100%</b>	<b>35%</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Aplicando a análise horizontal no passivo percebemos variação significativa nas seguintes contas: Impostos a recolher, contas a pagar e fornecedores.

Impostos a recolher teve variação de 311,50% devido ao aumento de faturamento e a troca de alíquota correspondente na tabela do Simples Nacional. No total de contas a pagar, a variação foi de 62,60%, reflexo do aumento principalmente de despesas comerciais e a contratação de novos representantes. E por fim, fornecedores teve um aumento de 31,50%, reflexo do excesso de compras realizados em 2013.

A tabela 3 apresenta o Demonstrativo de Resultado do Exercício, que através deste também foi realizado a análise vertical e horizontal.

Tabela 3 – Análise Vertical/Horizontal do DRE

<b>Demonstrativo de Resultado</b>	<b>2012</b>	<b>AV%</b>	<b>2013</b>	<b>AV%</b>	<b>AH%</b>
<b>Receita operacional bruta</b>	<b>610.952</b>	<b>110%</b>	<b>863.147</b>	<b>112%</b>	<b>41%</b>
Produtos/Mercadorias	585.000	105%	836.454	108%	43,0%
Outras receitas	25.952	5%	26.693	3%	2,9%
<b>(-) Deduções</b>	<b>(55.597)</b>	<b>-10%</b>	<b>(91.580)</b>	<b>-12%</b>	<b>64,7%</b>
Impostos s/vendas	(55.597)	-10%	(91.580)	-12%	64,7%
<b>Receita oper. líquida</b>	<b>555.355</b>	<b>100%</b>	<b>771.567</b>	<b>100%</b>	<b>38,9%</b>
<b>(-) Custo totais</b>	<b>(214.444)</b>	<b>-39%</b>	<b>(325.009)</b>	<b>-42%</b>	<b>51,6%</b>
Produtos e Mercadorias	(214.444)	-39%	(325.009)	-42%	51,6%
<b>Lucro bruto</b>	<b>340.911</b>	<b>61%</b>	<b>446.558</b>	<b>58%</b>	<b>31,0%</b>
<b>(-) Despesas totais</b>	<b>(248.963)</b>	<b>-45%</b>	<b>(325.933)</b>	<b>-42%</b>	<b>30,9%</b>
Despesas comerciais	(136.242)	-25%	(193.561)	-25%	42,1%
Despesas administrativas	(107.833)	-19%	(131.509)	-17%	22,0%
Despesas tributárias	(4.888)	-1%	(863)	0%	-82,3%
<b>Resultado da atividade</b>	<b>91.948</b>	<b>17%</b>	<b>120.625</b>	<b>16%</b>	<b>31,2%</b>
<b>(+/-) Resul. finan. líquido</b>	<b>(16.421)</b>	<b>-3%</b>	<b>(31.919)</b>	<b>-4%</b>	<b>94,4%</b>
Receitas financeiras					
Despesas financeiras	(16.421)	-3%	(31.919)	-4%	94,4%
<b>Lucro/Prejuízo do Período</b>	<b>75.527</b>	<b>14%</b>	<b>88.706</b>	<b>11%</b>	<b>17,4%</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Aplicando a análise vertical na interpretação do demonstrativo de resultados percebemos que no ano de 2012 a empresa obteve uma variação em seu lucro 14% já no ano de 2013 variou em 11%, percebemos que a diferença de um ano para o outro ficou acumulado nos custos da mercadoria para revenda. Na análise horizontal nos mostra um aumento nas vendas no montante de 43%. Conseqüentemente, impostos sobre as vendas e custos de produtos e mercadorias iriam ter alteração também, 64,70% e 51,60% respectivamente.

No entanto, a variação que mais chamou atenção foi nas contas de despesas comerciais e administrativas. A conta de despesas comerciais aumentou 42,10%, impulsionada pelas ações comerciais realizadas pela empresa para aumentar suas vendas. A conta de despesas administrativas aumentou em 22%. A atenção especial a estas contas deve-se ao fato de estas serem de naturezas fixas, ou seja, uma vez elevadas dificilmente terá seu montante reduzido.

E por fim, um aumento nas vendas em 43% resultou um acréscimo no lucro de 17,4%. Em seguida analisaremos a performance da empresa através dos indicadores de desempenho.

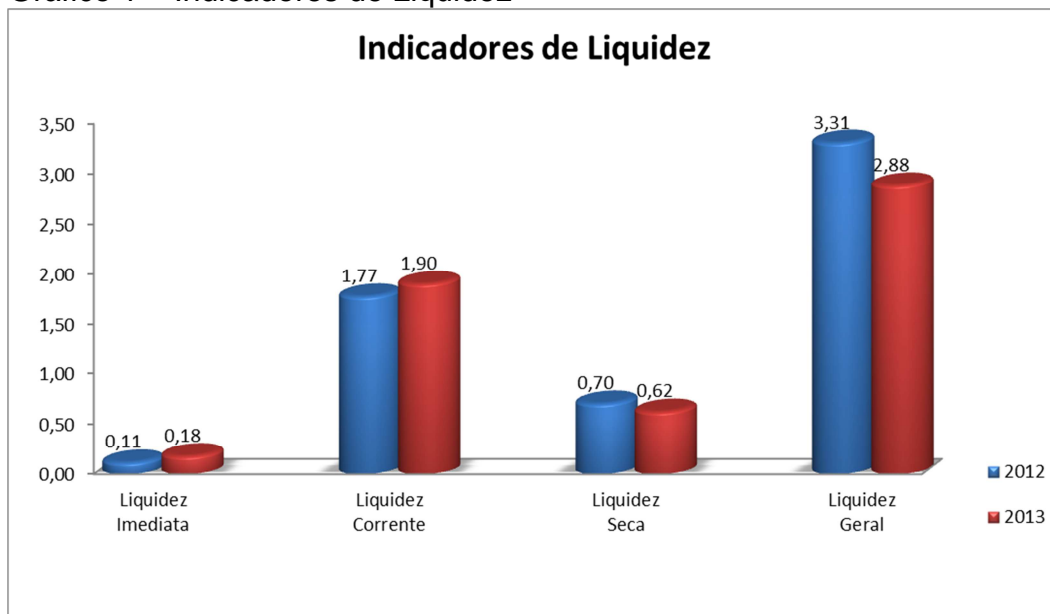
#### 4.2.2 Análise dos Indicadores de Desempenho

Com base nos dados oferecidos pela empresa em estudo, pode-se fazer a análise dos indicadores de desempenho. Para a elaboração dos cálculos dos indicadores foi utilizado os dados dos Demonstrativos Contábeis.

Os gráficos a seguir demonstram os indicadores de maior relevância, o que permite aos gestores analisar o desempenho da empresa quanto a sua capacidade de pagamento.

Em primeiro será analisado os indicadores de liquidez, como demonstra o gráfico (1) abaixo:

Gráfico 1 – Indicadores de Liquidez



Fonte: Elaborado pela autora

A liquidez imediata da empresa, no ano de 2012 indicava R\$ 0,11 e para o ano de 2013 apresentou uma melhora de R\$ 0,18. Porém, a empresa não conseguiu atingir suas expectativas, que é saldar suas dívidas a curto prazo com os recursos de disponibilidade imediata. Desta forma caso precise quitar suas dívidas a curto prazo, a empresa terá que recorrer a outras formas de pagamento.

O Índice de Liquidez Corrente faz a comparação entre o Passivo e o Ativo, considerando os estoques em seu cálculo. Desta forma, percebe-se que no



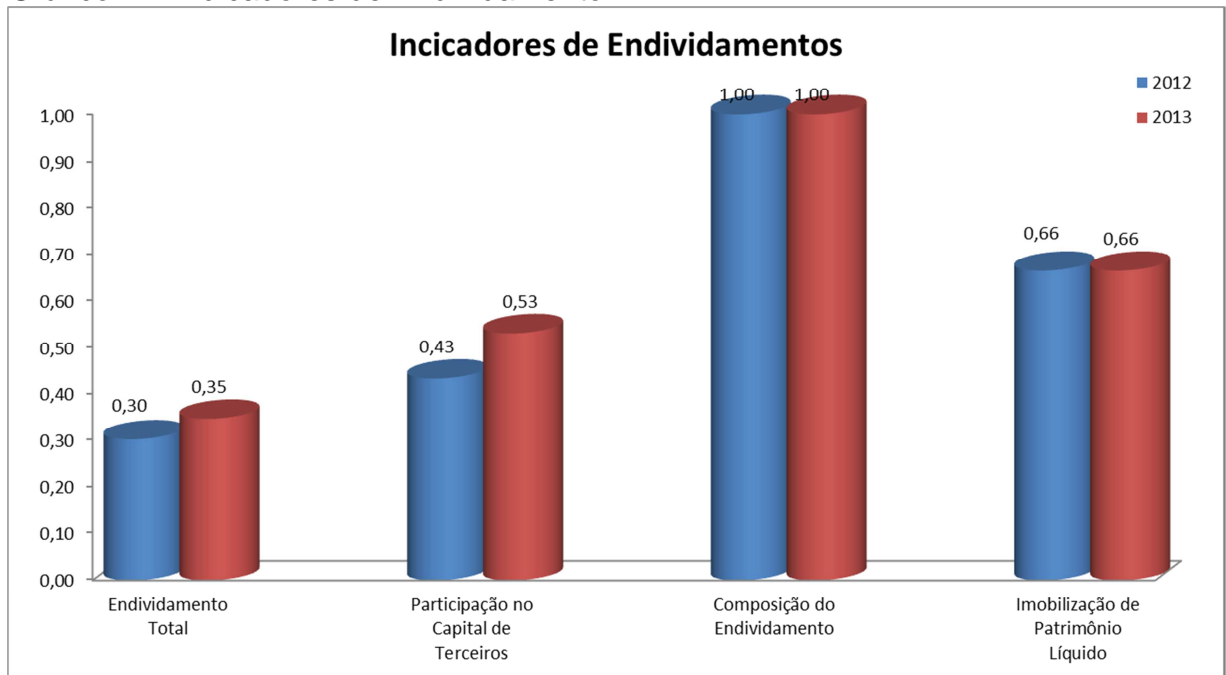
ano de 2012 era de R\$1,77 e em 2013 R\$1,90. Portanto, pode-se afirmar que o indicador teve um aumento considerável entre os anos de 2012 e 2013, sendo que para cada real em dívidas a curto prazo a empresa possui R\$ 1,90 a para quitar suas dívidas, permitindo uma folga de R\$ 0,90 para um real das obrigações a curto prazo. Isso ocorreu por que houve um aumento nos estoques 44,5%.

O Índice de Liquidez Seca faz a comparação entre o Passivo e o Ativo. Porém diferente do Índice de Liquidez Corrente, não considera os estoques para o cálculo. Portanto entende-se que os estoques não serão convertidos em valores moeda. Assim, pode-se analisar o indicador de liquidez seca no ano de 2012 era de R\$0,70, e reduziu em 2013 para R\$0,62. Desse modo, percebe-se que sem os estoques a empresa não conseguirá saldar suas dívidas a curto prazo apenas com os valores do Ativo Circulante. Sendo que no ano de 2012 para cada real de dívida a curto prazo a empresa possuía apenas R\$ 0,70, visto que no ano de 2013 esse valor baixo ainda mais, para cada real em dívidas a empresa teve R\$ 0,62. Isso se ocorreu pelo fato de não considerar o estoque por não serem valores líquidos.

E por fim a análise do indicador de liquidez geral demonstra no ano de 2012 era de R\$ 3,31 e no ano de 2013 era de R\$ 2,88, desta forma a empresa obteve uma folga financeira nos dois anos para quitar suas obrigações totais, isso se deu pelo fato de que a empresa não tinha obrigações a longo prazo.

Por conseguinte, será analisado os indicadores de Endividamento, pelo qual evidenciam a estrutura que compõe o endividamento em relação ao capital próprio ou de terceiros. Desta maneira, serão apresentados no gráfico (2) a seguir os índices de endividamento.

Gráfico 2 – Indicadores de Endividamento



Fonte: Elaborado pela autora

Com base na teoria e nos gráficos apresentando, poderá ser analisado o indicador de endividamento total da empresa, pelo qual, no ano de 2012 era R\$0,30 já no ano de 2013 R\$0,35. Deste modo, podemos constatar a empresa necessita utilizar uma parte do ativo total da empresa para assim conseguir pagar suas dívidas. Porém, se observamos de um ano para o outro, a empresa está cada vez mais superando essa necessidade.

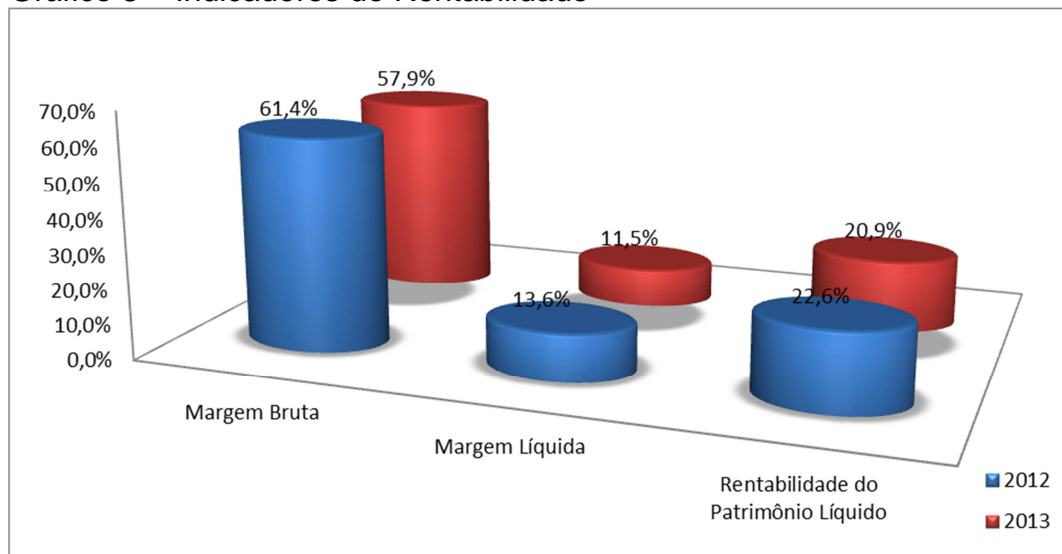
O índice de participação de terceiros, apresenta quanto de seu patrimônio líquido está comprometido em relação das dívidas totais. Perante isso, pode-se analisar que no ano de 2012 a empresa apresenta para cada real do patrimônio líquido R\$ 0,43 já no ano de 2013 têm R\$ 0,53. De um ano para o outro houve um aumento, apresentando resultados positivos, isso significa que a empresa não precisa do seu patrimônio líquido para liquidar com suas dívidas.

Já os indicadores de composição do endividamento e Imobilização do Patrimônio Líquido, não tiveram alterações. O motivo que levou a não ter alteração na composição do endividamento foi porque a empresa não possuía obrigações a longo prazo, ou seja, no passivo não circulante. Já no caso do indicador de Imobilização de Patrimônio Líquido, o motivo que ocasionou a não ter alteração foi porque a empresa não adquiriu nenhum bem no período em análise.

#### 4.2.2.1 Análise dos Indicadores de Rentabilidade

Os indicadores de rentabilidade têm a capacidade de medir o quanto o capital investido pela entidade está rendendo. O gráfico a seguir revela os valores encontrados por meio dos indicadores de rentabilidade.

Gráfico 3 – Indicadores de Rentabilidade



Fonte: Elaborada pela autora

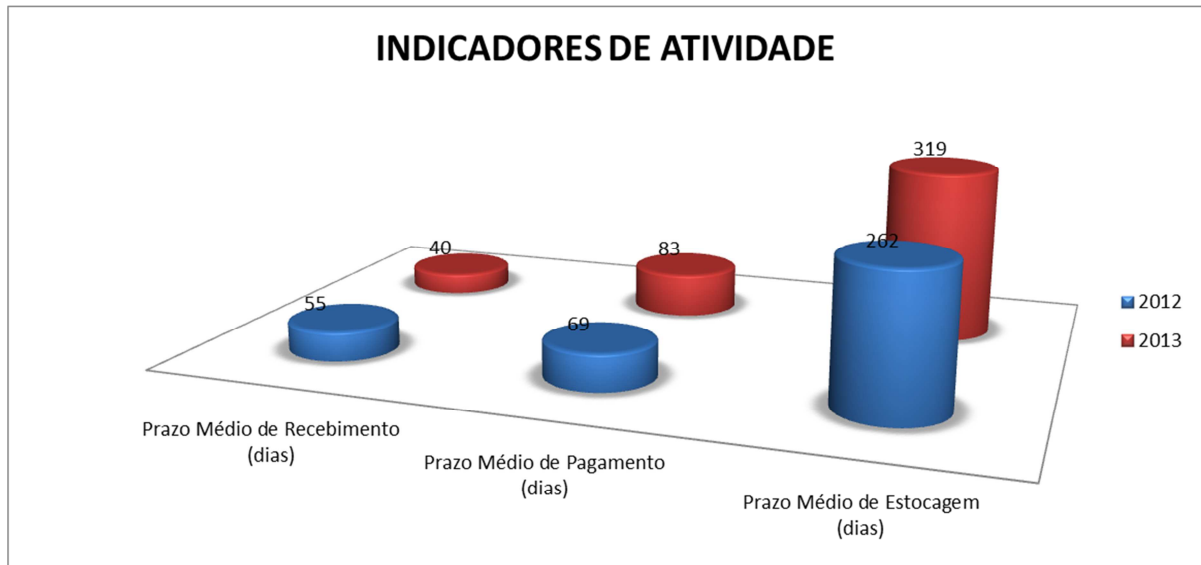
Desta forma podemos identificar que a empresa em estudo obteve uma margem de lucro muito boa, porém se observamos do ano de 2012 para 2013, ocorreu uma diminuição nos indicadores. Mesmo com o aumento da venda líquida de 2012 para 2013, os índices de margem bruta e margem líquida decaíram, pelo fato em que as despesas administrativas e comerciais aumentaram e também o custo das mercadorias. No que diz ao respeito ao aumento do índice de rentabilidade do patrimônio líquido, foi o crescimento dos resultados acumulados.

#### 4.2.2.2 Análise dos Indicadores de Atividade

Os indicadores de atividade são aqueles que permitem que os gestores analisem os prazos médios de recebimento de vendas, pagamento a fornecedores e da renovação de estoque, este indicador é medido por dias.

Em seguida tem o gráfico pelo qual pode-se analisar de forma mais clara.

Gráfico 4 – Indicadores de Atividade



Fonte: Elaborada pela autora

Desta forma, verifica-se que a empresa apresenta um ciclo favorável, visto que nos anos de 2012 e 2013 ela primeiro recebeu de seus clientes e após pago suas obrigações junto aos seus fornecedores, assim analisando o ano de 2013 a empresa recebe de seus clientes em 46 dias e paga em 83 dias.

#### 4.2.3 Análise de Capital de Giro

O capital de giro diz respeito ao capital necessário para financiar a continuidade da empresa. A tabela (4) abaixo apresenta a análise de capital de giro da empresa em estudo.

Tabela 4 – Análise de Capital de Giro

	2012	2013
<b>ANÁLISE DE CAPITAL DE GIRO</b>		
Capital Circulante Líquido	112.351	202.783
Necessidade de Capital de Giro	96.025	163.068
Saldo de Tesouraria	16.326	39.715

Fonte: Elaborada pela autora

Os dados acima apresentados relatam que a empresa possui um capital circulante líquido positivo, isso significa que a empresa possui recursos a longo prazo investido nas contas de curto prazo. Do mesmo modo, sua necessidade de capital de giro também foi positiva, isso informa que há necessidade de a empresa encontrar algum financiamento que possa ajudar em suas finanças.

Desta forma, o saldo de tesouraria, que é a diferença entre o Capital Circulante Líquido e a Necessidade de Capital de Giro, encontra-se positivo, isso quer dizer que, a empresa possui recursos suficientes para honrar suas obrigações, ou seja, têm folga financeira, tendo disponibilidades de recursos para financiar o NCG.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de apresentar um modelo de análise contábil gerencial para tomada de decisão em uma empresa de pequeno porte, demonstrando que a contabilidade gerencial pode ser utilizada por qualquer tipo de empresa, independente do seu porte empresarial.

A relevância e a realização deste estudo basearam-se em pesquisas bibliográficas, com enfoque na contabilidade gerencial, a qual apresenta ferramentas de análise para que as organizações possam mudar a forma de gerenciar suas finanças.

No objetivo geral desse trabalho almejou-se aplicar um modelo de análise contábil gerencial em uma empresa de pequeno porte para tomada de decisão. Tal objetivo foi atingido no decorrer da fundamentação teórica e posteriormente aplicada no estudo de caso. No que diz respeito na execução dos objetivos específicos, esses foram inteiramente cumpridos.

Visto que no capítulo 2 foi atingido o objetivo de revisar a bibliografia sobre contabilidade gerencial e o objetivo de apresentar ferramentas de controle e acompanhamento financeiro, pois nesta etapa elaborou-se uma pesquisa teórica na bibliografia existente sobre as ferramentas que a contabilidade gerencial se utiliza para analisar o desempenho econômico financeiro das organizações. Já o objetivo que propõe uma modelagem financeira para análise de desempenho em uma pequena empresa a partir das demonstrações contábeis, foi desempenhada no capítulo 4, onde foi realizado uma análise do desempenho de uma empresa de pequeno porte, utilizando das demonstrações contábeis.

Portanto, perante aos dados analisando da empresa, conclui-se que a contabilidade gerencial juntamente com os demonstrativos contábeis fornece aos gestores informações necessárias ao suporte decisório de qualquer nível de empresa. É claro que empresas maiores possuem capacidade de fornecer uma quantidade de dados consideravelmente melhor e por esta razão a qualidade das análises também é influenciada. No entanto, nada impede o gestor das micros e pequenas empresas aplicarem as ferramentas propostas nesta pesquisa e partir daí investir no aperfeiçoamento das informações.

## REFERÊNCIAS

SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração Financeira da Pequena e Média Empresa**. São Paulo: Atlas, 2001. 252 p.

SILVA, José Pereira da. **Análise Financeira das Empresas**. 8ª São Paulo: Atlas S.A., 2007.

Silva, Adelphino Teixeira da. **Administração Básica**- 4 ed- São Paulo: Atlas, 2007.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio Às Micros e Pequenas Empresas. **O que são os controles financeiros**. Disponível em: <[http://www.sebrae.com.br/momento/quero-melhorar-minha-empresa/utilize-as-ferramentas/controles-financeiros/bia-338-o-que-sao-os-controles-financeiros/BIA\\_338](http://www.sebrae.com.br/momento/quero-melhorar-minha-empresa/utilize-as-ferramentas/controles-financeiros/bia-338-o-que-sao-os-controles-financeiros/BIA_338)>. Acesso em: 29 set. 2013.

PADOVEZE, Clovis Luíz; BENEDICTO, Gideon Carvalho de. **Análise das Demonstrações Financeiras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=\\_D8TNXII7mQC&printsec=frontcover&dq=de+monstra%C3%A7%C3%B5es+financeiras&hl=pt-BR&sa=X&ei=KHNCUovKOYOi9QSIg4BQ&ved=0CDEQ6AEwAA#v=onepage&q=de+monstra%C3%A7%C3%B5es%20financeiras&f=true](http://books.google.com.br/books?id=_D8TNXII7mQC&printsec=frontcover&dq=de+monstra%C3%A7%C3%B5es+financeiras&hl=pt-BR&sa=X&ei=KHNCUovKOYOi9QSIg4BQ&ved=0CDEQ6AEwAA#v=onepage&q=de+monstra%C3%A7%C3%B5es%20financeiras&f=true)>. Acesso em: 14 out. 2013.

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração de Capital de Giro**. 3ª São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Alvaro Guimarães de. **Contabilidade Financeira**. 5ª São Paulo: Saraiva, 2002.

SILVA, César Augusto Tibúrcio; TRISTÃO, Gilberto. **Contabilidade Básica**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e pratica**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

HOJI, Masakazu. **Administração Financeira e Orçamentária: Matemática financeira aplicada, estratégias financeiras e orçamento empresarial**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

CARVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratamento de Metodologia Científica**. 2 ed. São Paulo: Thomson Pioneira, 1999.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise Financeira de Balanço: Abordagem Gerencial**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SANTOS, Antônio Raimundo Dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3 ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2000.

MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis: Contabilidade Empresarial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Análise das Demonstrações Contábeis: Contabilidade Empresarial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e Análise de Balanços: Um enfoque Econômico-Financeiro**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico financeiro: comércio e serviços, indústrias, bancos comerciais e múltiplos**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2006. 371 p.

LIZ, Patrícia. **O que é o fluxo de caixa**. SEBRAE. Disponível em: <[http://www.sebrae.com.br/momento/quero-melhorar-minha-empresa/utilize-as-ferramentas/controles-financeiros/bia-111-7-o-que-e-o-fluxo-de-caixa/BIA\\_1117](http://www.sebrae.com.br/momento/quero-melhorar-minha-empresa/utilize-as-ferramentas/controles-financeiros/bia-111-7-o-que-e-o-fluxo-de-caixa/BIA_1117)>. Acesso em: 18 fev. 2014.

SEBRAE, Rede de Atendimento Ao Microempreendedor -. **Como Elaborar Controles Financeiros**. 2013. Disponível em: <<http://www.sebraemg.com.br/atendimento/bibliotecadigital/documento/Cartilha-Manual-ou-Livro/Como-Elaborar-Controles-Financeiros#>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

IUDICIBUS, Sergio de. **Análise de Balanços**. 9. ed. São Paula: Atlas S.A., 2008. 251 p.

IUDÍCIBUS, Sérgio de et al. **Manual de contabilidade societaria**. São Paulo: Atlas, 2010.

VIEIRA, Marcos Villela. **Administração de Capital de Giro**. São Paulo: Atlas, 2005. 326 p.

MEGLIORINI, Evandir; VALLIM, Marco Aurélio. **Administração Financeira: Uma abordagem Brasileira**. Santa Catarina: Person Prentice Hall, 2009.

OLINQUEVITCH, José Leônidas; SANTI FILHO, Armando de. **Análise de Balanços**



**para controle gerencial:** Demonstrativos Contábeis Exclusivos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BRAGA, Roberto. **Fundamentos e técnica de administração financeira.** São Paulo: Atlas, 1995.

SÁ, Antônio Lopes de. **Moderna análise de balanços ao alcance de todos.** Curitiba: Juruá, 2005. 286 p.

LEMES JÚNIOR, Antônio Barbosa; RIGO, Cláudio Miessa; CHEROBIM, Ana Paula Mussi Szabo. **Administração Financeira:** Princípios, fundamentos e práticas Brasileiras. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

BIEGER, Marlene; SCARAMUSSA, Sadi Alberto. **Práticas de gestão financeira para as empresas de pequeno e médio porte como ferramentas de gestão.** 2014. Disponível em: <<http://urisaoluiz.com.br/anaisdocoloquio/divulgacao-final/trabalhos/MARLENE BIEGER.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de Caixa:** Uma decisão de planejamento e controle financeiro. 10. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004. 335 p.

MORANTE, Antônio Salvador. **Análise das Demonstrações Financeiras:** Aspectos contábeis da demonstração de resultado e do balanço patrimonial. São Paulo: Atlas, 2007. 109 p.

MORANTE, Antônio Salvador; JORGE, Fauzi Timaco. **Administração Financeira:** Decisões de curto prazo, decisões a longo prazo e indicadores de desempenho. São Paulo: Atlas, 2007. 103 p.

\_\_\_\_\_. **Controladoria:** análise financeira; planejamento e controle orçamentário. São Paulo: Atlas, 2008. 164 p

GITMAN, Lawrence J.. **Princípios da Administração Financeira.** 12. ed. São Paulo: Person, 2010. 775 p.

NETO, A. Alexandre. **Estrutura e análise de balanços:** um enfoque econômico-financeiro, comércio e serviços, Indústrias, Bancos comerciais múltiplos. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade gerencial:** um enfoque em sistema de informação contábil. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2009.